

# DESPORTO, INOVAÇÃO E FORMAÇÃO DE TREINADORES

EDITOR: JOSÉ FERNANDES RODRIGUES

EDIÇÃO: CENTRO DE INVESTIGAÇÃO EM QUALIDADE DE VIDA

# **DESPORTO, INOVAÇÃO E FORMAÇÃO DE TREINADORES**

**EDITOR: JOSÉ FERNANDES RODRIGUES**

**EDIÇÃO: CENTRO DE INVESTIGAÇÃO EM QUALIDADE DE VIDA**

## **FICHA TÉCNICA**

Título: Desporto, Inovação e Formação de Treinadores

Editor: José Fernandes Rodrigues

Edição: Centro de Investigação em Qualidade de Vida

Instituto Politécnico de Santarém

Instituto Politécnico de Leiria

Coleção: Edições CIEQV

Produção: Relgráfica, Lda.

[www.relgrafica.com](http://www.relgrafica.com)

Conceção gráfica: Patrícia Santos, Relgráfica, Lda.

Financiamento: FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P. - projeto UIDB/04748/2020  
(Centro de Investigação em Qualidade de Vida).

ISBN: 978-972-95259-7-1

Depósito Legal: 472822/20

Tiragem: 100 exemplares

Setembro 2020

# **Estudo sobre a Concetualização de um Modelo de Jogo, em Treinadores de Futebol Infanto-Juvenil**

José Goulão<sup>1</sup>, João Serrano<sup>1,2</sup>, Pedro Mendes<sup>1,2,3</sup>, André Ramalho<sup>1,2</sup>, João Petrica<sup>1,2</sup>, Rui Paulo<sup>1,2,3</sup>

<sup>1</sup>Instituto Politécnico de Castelo Branco

<sup>2</sup>Sport, Health and Exercise Research Unit

<sup>3</sup>Research in Education and Community Intervention

## **Introdução**

O Modelo de jogo (MJ) para qualquer equipa de futebol é o referencial para todos elementos da equipa, uma estrutura de comunicação e um dos principais orientadores do processo de treino. Uma forma de jogar em que percebam e saibam o que fazer em qualquer momento do jogo. Autores como Castelo (1996) ou Garganta (2005) referem que se constitui como o ponto de partida que é determinante para a orientação da ação e organização de uma equipa e que tem uma importância essencial no comportamento tático dos jogadores.

Oliveira (2003) diz que é uma ideia ou conjetura de jogo que decorre dos seus constrangimentos, sejam eles, estruturais, funcionais ou regulamentares. Concordamos com Gonçalves (2009, p.84) quando diz que “a construção e desenvolvimento de um MJ correspondem a um conjunto de roturas entre modos sucessivos de explicação e interpretação do jogo”. Considerando que o sucesso de uma equipa está muito dependente do modelo de jogo do seu treinador, vamos procurar saber como é que os treinadores de futebol das equipas jovens de um clube de formação concetualizam e operacionalizam o seu modelo de jogo e se a idade dos treinadores, os anos de experiência como treinador e a sua formação influencia essa operacionalização e concetualização.

Procurou-se saber qual o conceito de MJ dos treinadores; que objetivos se pretendem alcançar quando se cria um MJ para a equipa; quem deve participar na formulação e conceção do MJ, quais os aspetos a ter em conta na formulação do modelo; se na opinião deles o contexto do clube pode influenciar o MJ, Procuramos ainda saber quais os fatores e condicionalismos, que podem influenciar o MJ adotado; saber se o modelo é reajustado em função da prestação da equipa, do resultado, da equipa de arbitragem, ou do desenrolar do jogo; se os treinadores vão reajustando no seu MJ ao longo do tempo; qual a opinião deles sobre quem deve ter um conhecimento claro sobre o MJ adotado, se esse mesmo modelo deve ser ou não um elemento orientador do processo de treino e de jogo da equipa e se os exercícios a propor devem ser padronizados para todas as equipas de acordo com o MJ.

Neste sentido, o objetivo geral do nosso estudo, foi perceber como é que os treinadores de futebol das equipas/escalões de formação de um clube de futebol, que participam nos campeonatos distritais e nacionais, concetualizam e operacionalizam o seu modelo de jogo, e verificar as diferenças tendo em conta a idade, a formação académica e a formação da FPF.

## **Método**

Teremos que reconhecer que muitos aspetos da vida humana, da vida pessoal, profissional e social, não podem ser explicados pelas abordagens das investigações ditas convencionais ou tradicionais (Rosado, 2012). Desta forma, a presente investigação foi desenvolvida tendo em conta uma perspetiva interpretativa.

### **Participantes**

No nosso estudo, participaram 11 treinadores de equipas que disputam os campeonatos distritais e nacionais, nos escalões de infantis, iniciados juvenis e juniores, todos do sexo masculino, de diferentes escalões etários com e sem formação académicas em Desporto, com e sem formação específica (tabela 1).

**Tabela 1.** Caracterização dos participantes (n=11)

<b>Experiência</b>	Até 5 anos	<b>54.5 %</b>
	Mais de 5 anos	45.5 %
<b>Escalão Etário</b>	Até 30 anos	<b>63.6 %</b>
	Mais de 30 anos	36.4 %
<b>Formação Acad. Sup. Desporto</b>	Sim, tem	<b>54.5 %</b>
	Não tem	45.5 %
<b>Formação Específica FPF</b>	Sim, tem	<b>72.7 %</b>
	Não tem	27.3 %

Dos treinadores participantes, 63.6% tinham idade igual ou inferior a 30 anos e 45.5% mais de 30 anos; 54.5% possuíam formação académica superior e 36.4%, não possuía; 72.5% tinham formação específica de treinador (pelo menos nível I da FPF), e 27.3% não tinham qualquer nível de formação.

### Instrumentos

O instrumento usado na recolha dos dados foi a entrevista semiestruturada (Bogdan & Biklen, 2007). O guião de entrevista usado no nosso estudo foi construído, partindo do guião de entrevista validada por Gonçalves (2009). Como o guião de entrevista do autor foi preparado para treinadores de atletas seniores, tivemos necessidade de fazer alterações e adaptações com uma validação por especialistas para o nosso estudo.

A validação do nosso guião de entrevista, seguiu três fases de validação. Numa primeira fase, foi dado a conhecer a três peritos (dois doutores em Ciências do Desporto e um especialista em investigação qualitativa). Posteriormente, a versão revista do guião foi alvo de uma aplicação piloto, a um treinador de futebol, no sentido de aferir a clareza e a precisão do seu conteúdo (Kvale, 1996). Por fim, fizemos as alterações necessárias, levando o guião à sua configuração final. Foram efetuados os modelos de classificação, bem como a definição dos modelos de classificação, para cada pergunta (Goulão, 2018).

## **Procedimentos**

Foi enviada uma carta ao Presidente do clube a explicar o objetivo do trabalho e a pedir autorização para realizar as entrevistas aos treinadores. Posteriormente foram contatados os treinadores, individualmente solicitando a sua colaboração. Os sujeitos participaram no estudo de livre vontade, dando o seu consentimento através da assinatura de um termo de consentimento informado. Neste estudo foram respeitados todos os princípios éticos de proteção de dados e de anonimato de identificação.

Foi explicado aos treinadores o que se pretendia com o trabalho e foram todos entrevistados no mesmo local (balneário do treinador), com condições para estarem tranquilos e sem barulho. As entrevistas foram gravadas através de um gravador digital em datas acordadas com os treinadores. Procurámos colocar as questões de forma clara e objetiva, evitando perguntas com duplo sentido ou com algum tipo de ambiguidade. Foi usada uma linguagem simples e de acordo com o quadro de referência dos participantes. As entrevistas foram posteriormente passadas para “protocolo escrito” através do programa Microsoft Word®. Após a escrita de cada um dos protocolos, foi realizada uma audição total para verificar se estava tudo correto.

### **Tratamento estatístico dos dados**

Após a transcrição das entrevistas para suporte de papel, foi realizada uma análise de conteúdo (Bardin, 2011), tendo por base um sistema de categorias. Depois de ordenados os dados, recorreremos à estatística descritiva, a partir das medidas descritivas básicas e percentuais. O programa estatístico utilizado para codificação numa base de dados foi o S.P.S.S., versão 23.0.

## **Apresentação e Discussão dos Resultados**

Apresentamos os resultados recorrendo à estatística descritiva (percentuais relativos e absolutos), apresentando os resultados em tabelas e gráficos, comentados posteriormente e fazemos de imediato a sua discussão.

**Tabela 2.** Resultados referentes à questão “O que é para si o MJ?”

O que é o MJ?	Total amostra	Experiênc.		Esc. Etário		Form. Sup.		Form. FPF	
		+5	-5	+30	-30	sim	não	sim	não
Ideia de Jogo	63.6%	100%	33.3%	75%	57.1%	66.7%	60%	62.5%	66.7%
Filosofia de Equipa	36.4%	0%	66.7%	25%	42.9%	33.3%	40%	37.5%	33.3%

No que respeita à pergunta “O que é para si um MJ” as categorias mais evidenciadas foram “ideia de jogo” e “uma filosofia de equipa” o que vai ao encontro do que nos diz Bento (2004), de que na formação de jovens jogadores, é importante o ensino dos elementos técnico e táticos do jogo, mas também de extrema importância aprender, através do futebol, a ler e a entender o mundo e a exercer a cidadania. Hoje em dia, muito se ouve falar em ideia de jogo ou conceção de jogo de um treinador.

Segundo Garganta (1997), é possível, observando equipas e jogadores ao longo de vários jogos, encontrar padrões de organização, que permitem tirar conclusões sobre o comportamento de jogo de jogadores e equipas. Esse comportamento tem relação com as características do jogo construído pela equipa, especialmente com o seu sistema organizacional. De uma forma mais explícita, concordamos então com Oliveira (2003), quando este refere que o MJ deve constituir-se como o núcleo central de ideias que o treinador pretende que sejam adotadas, pela sua equipa.

**Tabela 3.** Resultados referentes à questão “Qual é o seu MJ?”

Qual é o seu MJ?	Total amostra	Experiênc.		Esc. Etário		Form. Sup.		Form. FPF	
		+5	-5	+30	-30	sim	não	sim	não
Baseado 5 momentos Jogo	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Identif. com objet. Clube	9.1%	20%	0%	14.3%	0%	16.7%	0%	12.5%	0%
Por base carat. Jogadores	45.5%	40%	50%	50%	42.9%	50%	40%	62.5%	0%
Preconiza desenv. Atletas	27.3%	20%	33.3%	50%	14.3%	33.3%	20%	37.5%	0%

Na pergunta “Qual é o seu MJ” a categoria mais evidenciada foi “tendo por base os 5 momentos de jogo”. No futebol atual (Magalhães & Nascimento, 2010) existem cinco momentos principais do jogo (organização defensiva, transição defesa/ataque, organização ofensiva e transição ataque/defesa) e os esquemas táticos. Quanto às variáveis não se encontraram grandes diferenças, apenas a salientar que os treinadores com formação da FPF, na sua maioria baseiam o seu MJ de acordo com as características dos jogadores e preconizam o desenvolvimento do atleta, enquanto que os que não tem formação da FPF não o fazem.

**Tabela 4.** Resultados à questão “Quais os objetivos que se pretendem alcançar com a criação do MJ, na sua equipa?”

Quais os objetivos?	Total amostra	Experiênc.		Esc. Etário		Form. Sup.		Form. FPF	
		+5	-5	+30	-30	sim	não	sim	não
Interlig. Treino/Jogo	9.1%	20%	0%	25%	0%	16.7%	0%	12.5%	0%
Rentab. desenv. Atletas	54.5%	40%	66.7%	50%	57.1%	50%	60%	37.5%	100%
Contribuir conhec. Jogo	54.5%	40%	66.7%	75%	42.9%	50%	60%	75%	0%

Na pergunta “Quais os objetivos que se pretendem alcançar com a criação do MJ, na sua equipa” as categorias mais evidenciadas foram “Rentabilizar desenvolvimento dos Atletas” e “Contribuir para o conhecimento do Jogo”. Quinta, (2013) refere que a primeira preocupação do treinador deverá ser a de estabelecer o tipo de jogo que quer ver a sua equipa praticar, analisar a qualidade dos seus jogadores para perceber se será exequível a sua ideia com o nível dos seus praticantes e a partir daí escolher os melhores exercícios. Estamos em total consonância com o referido autor e os treinadores deste clube de formação revelam uma grande preocupação no desenvolvimento dos seus atletas. Quanto às variáveis encontramos as maiores diferenças entre os que possuem formação pela FPF e os que não possuem, pois enquanto os primeiros valorizaram mais a contribuição para o conhecimento do jogo, os segundos valorizaram mais a rentabilização do desenvolvimento dos Atletas.

**Tabela 5.** Resultados referentes à questão “Quem deve participar na formulação e conceção do MJ?”

Quem?	Total da amostra	Experiênc.		Esc. Etário		Form. Sup.		Form. FPF	
		+5	-5	+30	-30	sim	não	sim	não
Coordenador Clube	63.6%	80%	50%	50%	71.4%	66.7%	60%	62.5%	66.7%
Equipa Técnica	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Direção do Clube	27.3%	40%	16.7%	25%	28.6%	33.3%	20%	37,5%	0%
Jogadores	36.4%	40%	33.3%	25%	42.9%	50%	20%	25%	66.7%
Pais	9.1%	0%	16.7%	25%	0%	0%	20%	12,5%	0%

Na pergunta “Quem deve participar na formulação e conceção do MJ” a categoria mais evidenciada foi “Equipa técnica” independentemente das variáveis em questão. Todos os entrevistados responderam a esta categoria como a mais importante. Miranda (2009) refere que o treinador deve definir MJ da equipa junto com sua equipa técnica, levando em conta sua ideia de jogo, a característica dos jogadores, os princípios de jogo, a organização funcional e a estrutura do clube. O MJ deve ter objetivos bem definidos e bem claros. Os treinadores mais novos, os que têm formação superior e os que não possuem formação pela FPF, referem em maior percentagem que os jogadores também deveriam participar na formulação do modelo de jogo.

**Tabela 6.** Resultados referentes à questão “Ao Formular o MJ quais os aspetos a ter em conta?”

Quais os Aspetos?	Total da amostra	Experiênc.		Esc. Etário		Form. Sup.		Form. FPF	
		+5	-5	+30	-30	sim	não	sim	não
Os 5 momento Jogo	18.2%	40%	0%	25%	14.3%	33.3%	0%	25%	0%
Desenv. Carat. Jogadores	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Quadro Competitivo Equipa	18.2%	20%	16.7%	25%	14.3%	0%	40%	12.5%	33.3%
Infra-estruturas do Clube	18.2%	20%	16.7%	25%	14.3%	16.7%	20%	12.5%	33.3%
Objetivos do Clube	9.1%	20%	0%	0%	14.3	16.7%	0%	12.5%	0%
Calendário Desportivo	9.1%	0%	16.7%	0%	14.3%	0%	20%	0%	33%

Na pergunta “Ao Formular o MJ quais os aspetos a ter em conta” a categoria mais evidenciada foi “Desenvolvimento e Características dos Jogadores” Segundo Garganta (2017) formar jogadores implica muito mais que a obsessão por um MJ único, mas sim um cuidado programa de desenvolvimento das competências para jogar, e, em paralelo, se fomenta o desenvolvimento pessoal dos praticantes. Deve haver uma clara sintonia entre o clube, a equipa e o projeto de formação. Segundo Neto (2014) os jogadores devem ser rápidos, fortes, e influentes capazes de vencer a resistência na presença da fadiga. O futebol é uma modalidade que exige aos jogadores várias capacidades das quais se destacam uma apurada competência técnica, uma boa compreensão tática do jogo, uma atitude mental centrada no rendimento e, para além disso, uma excelente aptidão física (Soares, 2005). As diferentes variáveis demonstram diferenças reduzidas relativamente aos aspetos a ter em conta para a formulação do MJ, uma vez que todos eles referiram que o principal aspeto a ter em conta é o desenvolvimento das características dos jogadores.

**Tabela 7.** Resultados referentes à questão “O Contexto do Clube pode influenciar um MJ? Como?”

Pode Influenciar?	Total da amostra	Experiênc.		Esc. Etário		Form. Sup.		Form. FPF		
		+5	-5	+30	-30	sim	não	sim	não	
<b>Sim</b>	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	
<b>Não</b>	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	
<b>Como?</b>										
Tendo Conta Dimensão	45.5%	80%	16.7%	75%	28.6%	50%	40%	62.5%	0%	
Tendo Conta Filisofia	54.5%	40%	66.7%	25%	71.4%	50%	60%	50%	66.7%	
Condições Infra-estrut.	45.5%	60%	33.3%	75%	28.6%	50%	40%	50%	33.3%	

Na pergunta “O Contexto do Clube pode influenciar um MJ” os entrevistados responderam todos que sim. Tamarit (2013) refere que é importante nunca esquecer que do MJ fazem parte também a cultura do país ou região em que o clube está inserido, a cultura/história do próprio clube, a estrutura

organizativa do mesmo, os objetivos definidos pelo clube, as ideias de jogo do treinador, as estruturas ou sistemas táticos preferencialmente trabalhados e as características e nível dos jogadores que o clube dispõe. O MJ não se resume assim, apenas a um conjunto de comportamentos e ideias que o treinador tem para transmitir, mas também, tem de estar relacionado com os jogadores que têm pela frente e com a cultura do clube que representa (Silva, 2008). A categoria “Tendo em conta a dimensão do clube” e “condições Infra-estruturais do clube” é mais referida pelos treinadores mais velhos, pelos mais experientes com formação superior e com formação pela FPF.

Na pergunta “Quais os Fatores e Condicionamentos que podem influenciar um MJ”, as categorias mais evidenciadas foram “Qualidades e Características dos Jogadores” e “Características do Envolvimento”.

**Tabela 8.** Resultados à questão “Quais os Fatores e Condicionamentos que podem influenciar um MJ?”

Quais?	Total da Amostra	Experiênc.		Esc. Etário		Form. Sup.		Form. FPF	
		+5	-5	+30	-30	sim	não	sim	não
Qualid./Carat. Jogadores	90.9%	80%	100%	100%	85.7%	83.3%	100%	100%	66.7%
Quantid. Jogad. Disponív.	27.3%	40%	16.7%	50%	14.3%	33.3%	20%	25%	33.3%
Carateríst. Envolvimento	45.5%	60%	33.3%	25%	57.1%	50%	40%	62.5%	0%
Quadro Competitivo	36.4%	40%	33.3%	50%	28.6%	33.3%	40%	<b>50%</b>	<b>0%</b>
Características do Clube	36.4%	40%	33.3%	25%	42.9%	33.3%	40%	25%	66.7%

Estas ideias vão ao encontro do defendido por Castelo (2009) que diz que o MJ deve ter um carácter evolutivo, adaptativo que tem em conta a características dos jogadores. O MJ no futebol infanto-juvenil deve ser ajustado de acordo com as competições, (Marques & Oliveira 2002) e deve ter-se em conta um

conjunto de características tais como o desenvolvimento da multilateralidade e ter competições que estimulem a realização de ações desportivas através de adaptações regulamentares, desenvolvendo o funcionamento estrutural do sistema nervoso central e neuromuscular. A categoria “Características do Envolvimento” foi mais referida pelos treinadores com mais experiência, pelos mais novos, pelos que possuem formação superior em desporto e formação pela FPF.

**Tabela 9.** Resultados referentes à questão “O MJ pode ser reajustado em Função da Prestação da Equipa, dos Resultados e da Evolução do Jogadores? De que forma?”

MJ pode ser Reajustado?	Total da Amostra	Experiênc.		Esc. Etário		Form. Sup.		Form. FPF	
		+5	-5	+30	-30	sim	não	sim	não
<b>Sim</b>	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
<b>Não</b>	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
<b>Como?</b>									
Alteração Sist. Tático	9.1%	20%	0%	25%	0%	0%	20%	12.5%	0%
Alteração Método Jogo	36.4%	60%	16.7%	50%	28.6%	50%	20%	50%	0%
Alteraç. Forma Treinar	36.4%	40%	33.3%	50%	28.6%	50%	20%	37.5%	33.3%
Alter. Posic. Jogadores	36.4%	40%	33.3%	50%	28.6%	33.3%	40%	50%	0%

Na pergunta “O MJ pode ser reajustado em Função da Prestação da Equipa, dos Resultados e da Evolução do Jogadores”. Todos responderam afirmativamente e as categorias mais evidenciadas foram “Alteração do Método de Jogo”, “Alteração da Forma de Treinar “ e “Alterando o posicionamento do Jogadores “. De acordo com Oliveira et al. (2006), referindo-se a José Mourinho, existem lógicas processuais como a progressão, distribuição dos conteúdos, o treino a intensidade, o volume e a sustentação da metodologia. Ter um MJ definido é o mais importante para uma equipa de futebol, e tal modelo corresponde a um conjunto de princípios que dão organização à equipa.

**Tabela 10.** Resultados à questão “É da opinião que se deva alterar o MJ durante a época? Porquê?”

Deve alterar-se o MJ?	Total da Amostra	Experiênc.		Esc. Etário		Form. Sup.		Form. FPF	
		+5	-5	+30	-30	sim	não	sim	não
Sim	63.6%	60%	66.7%	50%	71.4%	66.7%	60%	62.5%	66.7%
Não	36.4%	40%	33.3%	50%	28.6%	33.3%	40%	37.5%	33.3%
<b>Porquê?</b>									
ñ adapta. Ideia de Jogo	18.2%	20%	16.7%	25%	14.3%	16.7%	20%	25%	0%
Necessid. reajustam.	81.8%	80%	83.3%	75%	85.7%	83.3%	80%	75%	100%
Só em situaç. exec.	45.5%	40%	50%	50%	42.9%	50%	40%	50%	33.3%

A maioria dos treinadores respondeu afirmativamente à questão se se deve alterar o modelo de jogo ao longo da época e as principais respostas independentemente das variáveis sustentam-se nas necessidades de reajustamentos necessários que é preciso fazer. Pacheco (2001) defende que na formação o importante é aprender e é fundamental que todos os treinadores da formação procurem qualidade de jogo, de forma a desenvolver as capacidades motoras e intelectuais das crianças, nem que para tal, seja necessário fazer reajustamentos.

**Tabela 11.** Resultados referentes à questão “Considera importante ter mais que um sistema tático idealizado para o MJ? Porquê?”

Considera Importante?	Total da Amostra	Experiênc.		Esc. Etário		Form. Sup.		Form. FPF	
		+5	-5	+30	-30	sim	não	Sim	Não
Sim	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Não	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
<b>Porquê?</b>									
Oferece mais Soluções	72.7%	<b>100%</b>	<b>50%</b>	75%	71.4%	66.7%	80%	75%	66.7%
Respond. Neces./reajustam Eq.	54.5%	60%	50%	75%	42.9%	66.7%	40%	62,5%	33.3%

Na pergunta “Considera importante ter mais que um sistema tático idealizado para o MJ” todos entrevistados responderam que sim, sendo a principal justificação o facto de oferecer mais soluções. Bettega et al. (2015) referem que o MJ não pode ser rígido, e sim variável e condizente a uma zona de desenvolvimento proximal dos atletas, já que o cumprimento dos padrões comportamentais (princípios de jogo) poderão diferenciar-se durante os anos de formação e também deve ser entendido como um sistema dinâmico que apresenta variabilidade para desenvolver criatividade dentro do mesmo e permitir aos potenciais talentos evoluírem para níveis de complexidade mais elevados, sem perda de identidade. O treinador terá de possuir um conjunto de atributos multidisciplinares (Araújo, 1994), e deve tomar decisões, de acordo com certos indicadores e mediante determinados critérios e domínios que obedecem a uma certa organização, onde salienta o treino, a liderança, o estilo e formas de comunicação, não descurando as opções táticas e estratégicas decorrentes da observação e análise do jogo, da gestão das pressões contidas na competição, do controlo da capacidade de concentração e emoções (Pacheco, 2005).

**Tabela 12.** Resultados referentes à questão “O MJ deve ser um elemento orientador do Treino e do Jogo da Equipa? Porquê?”

MJ deve ser elemento Orientador?	Total da Amostra	Experiênc.		Esc. Etário		Form. Sup.		Form. FPF		
		+5	-5	+30	-30	sim	não	sim	não	
<b>Sim</b>	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	
<b>Não</b>	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	
<b>Porquê?</b>										
Vai encontrar Ideia Jogo	36.4%	60%	16.7%	25%	42.9%	66.7%	0%	37.5%	33.3%	
Exerc. de acordo com MJ	81.8%	60%	100%	100%	71.4%	66.7%	100%	87.5%	66.7%	
Transferir Treino/Jogo	18.2%	40%	0%	0%	28.6%	33.3%	0%	25%	0%	

Todos os treinadores responderam afirmativamente, que o MJ deve ser um elemento orientador do Treino e do Jogo da Equipa. No Futebol é frequente dizer-se que conforme se quer jogar, assim se deve treinar, o que sugere uma relação de interdependência e reciprocidade entre a preparação e a competição. Tal relação é consubstanciada por um dos princípios do treino, o princípio da especificidade, que preconiza que sejam treinados os aspetos que se prendem diretamente como o jogo (estrutura de movimento estrutura da carga, natureza das tarefas, etc.) no sentido de viabilizar a maior transferência possível das aquisições operadas no treino para o contexto específico do jogo (Garganta, 1997). O MJ assume-se como o aspeto central que baliza o processo de treino, refere Almeida (2014). A principal razão apontada pela maioria dos treinadores independentemente das variáveis em estudo, é porque é importante ter exercícios adaptados ao modelo de jogo.

Quando se perguntou aos treinadores se os exercícios de treino devem ser padronizados de acordo o MJ, a maioria respondeu negativamente, alegando que o importante é que estejam relacionados com o contexto e com a idade dos praticantes.

**Tabela 13.** Resultados referentes à questão “Os Exercícios de Treino devem ser Padronizados de acordo o MJ? Porquê?”

Exercícios Padronizados de acordo com o MJ?	Total da Amostra	Experiênc.		Esc. Etário		Form. Sup.		Form. FPF		
		+5	-5	+30	-30	sim	não	sim	não	
<b>Sim</b>	9.1%	0%	16.7%	25%	0%	0%	20%	12.5%	0%	
<b>Não</b>	90.9%	100%	83.3%	75%	100%	100%	80%	87.5%	100%	
<b>Porquê?</b>										
Maior Rentab. Treino	9.1%	0%	16.7%	25%	0%	0%	20%	12.5%	0%	
Exerc. Diversif. mas estrutura comum	27.3%	60%	0%	25%	28.6%	33.3%	20%	37.5%	0%	
Exerc. c/ cunho pessoal Treinador	18.2%	40%	0%	25%	14.3%	33,3%	0%	25%	0%	
Exercícios responder diferentes objetivos	27.3%	20%	33.3%	25%	28.6%	50%	0%	25%	33.3%	
Exercícios adaptados ao contexto e idade	54.5%	40%	66.7%	75%	42.9%	66.7%	40%	62,5%	33.3%	

Castelo (2014) refere também que os exercícios são instrumento fundamental do processo de preparação de um jogador ou de uma equipa. Quando corretamente selecionado, reflete efeitos positivos, manifestando-se através de uma melhor adaptação e sustentabilidade a curto e longo prazo, uma maior eficácia decisional e comportamental dos praticantes. Por outro lado, quando desajustado ou desenquadrado com as capacidades dos praticantes ou da lógica da modalidade, refletem efeitos negativos.

**Tabela 14.** Resultados referentes à questão “As características dos Jogadores são importantes para a posição que ocupam no MJ? Porquê?”

As características dos jogadores são importantes ?	Total da Amostra	Experiênc.		Esc. Etário		Form. Sup.		Form. FPF	
		+5	-5	+30	-30	sim	não	sim	não
<b>Sim</b>	81.8%	80%	83.3%	75%	85.7%	66.7%	100%	75%	100%
<b>Não</b>	18.2%	20%	16.7%	25%	14.3%	33.3%	0%	25%	0%
<b>Porquê?</b>									
Só na fase especialização	9.1%	20%	0%	25%	0%	16.7%	0%	12.5%	0%
Perm. maior rentab. jogador	45.5%	60%	33.3%	25%	57.1%	50%	40%	50%	33.3%
Jogad. Respon. exigências MJ	36.4%	20%	50%	25%	42.9%	33.3%	40%	25%	66.7%
Fases Prévias Especialização	18.2%	20%	16.7%	25%	14.3%	33.3%	0%	25%	0%

Quando se questionou os treinadores se as características dos Jogadores são importantes para a posição que ocupam no MJ, a maioria dos entrevistados responderam que sim. Segundo Garganta (2017) formar jogadores implica muito mais que a obsessão por um MJ único, mas sim um cuidado programa de desenvolvimento das competências para jogar, e, em paralelo, se fomente o desenvolvimento pessoal dos praticantes. Deve haver uma clara sintonia entre o clube, a equipa e o projeto de formação. Quando se tem em conta as diferentes variáveis na resposta à questão formulada, verificamos

que os treinadores com mais experiência, mais novos, formação superior e com formação pela FPF respondem que as características dos Jogadores são importantes para a posição que ocupam no MJ, porque permitem uma maior rentabilização dos jogadores.

**Tabela 15.** Resultados referentes à questão “Quem deve ter conhecimento do MJ adotado? Porquê?”

Quem?	Total da Amostra	Experiênc.		Esc. Etário		Form. Sup.		Form. FPF	
		+5	-5	+30	-30	sim	não	sim	não
Coordenador do Clube	54.5%	80%	33.3%	25%	71.4%	50%	60%	50%	66.7%
Equipa Técnica	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Presidente	27.3%	20%	33.3%	0%	42.9%	16.7%	40%	12.5%	66.7%
Jogadores	90.9%	100%	83.3%	75%	100%	100%	80%	87.5%	100%
<b>Porquê?</b>									
Para haver sintonia	63.6%	80%	50%	50%	71.4%	83.3%	40%	75%	33.3%
Para perceber o que se está a fazer	27.3%	40%	16.7%	50%	14.3%	33.3%	20%	37.5%	0%

Na pergunta aos treinadores sobre quem deve ter conhecimento do MJ adotado, todos responderam que deve ser a “Equipa Técnica” e a maioria respondeu que é importante que os jogadores também conheçam o MJ. As principais razões é para que possa haver sintonia entre todos e perceber o que se está a fazer. Quanto às variáveis, são os treinadores mais experientes, mais novos os que têm formação superior e os que têm formação pela FPF os que referem em maior percentagem a importância do conhecimento do modelo de jogo por parte dos jogadores.

Para Quinta (2017), numa equipa, todos ganham e todos perdem. O treinador tem de ser capaz de dar ênfase ao que considera importante em cada exercício para que a ideia de jogo vá sendo interiorizada pelos jogadores e assim construir a sua forma de jogar.

## Conclusões

Com este trabalho concluímos que os treinadores inquiridos referem que a “Ideia de Jogo” é prioritária para a conceção e criação do seu MJ e que “os cinco momentos do jogo”, “o desenvolvimento dos atletas” e “ter conhecimento do jogo”, são fundamentais para a conceção do mesmo. Concluímos ainda que quem deve participar na formulação e conceção do MJ é a equipa técnica e que o contexto do clube pode influenciar o MJ. As qualidades e características dos jogadores, a alteração do método de Jogo, a alteração da forma de treinar e alterando o posicionamento dos jogadores são condicionalismos que podem influenciar o MJ e que os treinadores fazem reajustamentos no seu MJ ao longo do tempo. Podemos ainda concluir, no nosso estudo que as pessoas que devem ter um conhecimento claro sobre o MJ adotado são a Equipa Técnica, que MJ deve ser um elemento orientador do processo de treino e de jogo da equipa, que os exercícios não devem ser padronizados e que as características dos Jogadores são importantes para a posição que ocupam no MJ.

Quanto às diferentes variáveis do estudo, podemos concluir que os treinadores que possuem a formação da FPF valorizam mais a importância do MJ para o desenvolvimento dos Atletas que os que não possuem essa formação. Os treinadores mais novos, os que têm formação superior e os que não possuem formação pela FPF, referem em maior percentagem que os jogadores também deveriam participar na formulação do modelo de jogo. A dimensão do clube e as suas condições infraestruturais são mais importantes para treinadores mais velhos, pelos mais experientes com formação superior e para os que têm formação pela FPF, quanto à influência sobre o MJ. Quanto aos Condicionalismos que podem influenciar um MJ, a categoria “Características do Envolvimento” foi mais referida pelos treinadores com mais experiência, pelos mais novos, pelos que possuem formação superior em desporto e formação pela FPF. Relativamente à importância das características dos jogadores para a posição que ocupam no MJ, os treinadores com mais experiência, mais novos, com formação superior e com formação pela FPF, consideram que permite uma maior rentabilização dos jogadores.

## Referências Bibliográficas

Araújo, J. (1994). *Ser Treinador*. Editorial Caminho.

Almeida, R (2014). *Da conceptualização dos métodos de treino à operacionalização prática no quadro do modelo de jogo adotado*. Dissertação de Mestrado na especialidade de Treino de Alto Rendimento. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Faculdade de Educação Física e Desporto.

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.

Bento, J. (2004). *Desporto: Discurso e substância*. Campo das letras.

Bettega, O., Scaglia, A., Morato, M., & Galatt, L. (2015). Formação de jogadores de futebol: princípios e pressupostos para composição de uma proposta pedagógica. *Movimento*, 21(3) (Julio-Septiembre), 791-801.

Bogdan, R. & Biklen, S. (2007). *Qualitative research for education: An introduction to theory and methods*. Pearson Allyn & Bacon.

Castelo, J. (1996). *Futebol - A Organização do jogo*. Edição de autor.

Castelo, J. (2009). *Futebol. Organização. Dinâmica do Jogo*. Centro de Estudos de Futebol da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Garganta, J. (1997). *Modelação táctica do jogo de futebol - estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento*. Dissertação de Doutoramento. Universidade do Porto.

Garganta, J. (2005). Dos constrangimentos da acção à liberdade de (inter acção, para um Futebol com pés ... e cabeça. Em D. Araújo (Ed.), *O contexto da decisão: a acção táctica no desporto* (pp. 179-190). Visão e Contextos.

Garganta, J. (2017). A Excelência em Futebol: Equívocos, Evidências e Desafios. *Treino Científico*, 31, 15,16.

Gonçalves, R. (2009). *Conceptualização do modelo de jogo - Um estudo efec-*

*tuado com treinadores de Futebol com o curso de nível IV. Dissertação de Mestrado na especialidade de Treino de Alto Rendimento . FMH–UTL.*

Goulão, J (2018). *O modelo de jogo no futebol de formação: Estudo Sobre a Concetualização e Operacionalização do Modelo de Jogo de Treinadores de Futebol Infantojuvenil.* Dissertação de Mestrado. Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Kvale, S. (1996). *Interviews: An introduction to qualitative research interviewing.* Sage.

Magalhães, R. & Nascimento, L. (2010). *Aprender a Jogar Futebol – Um Caminho para o Sucesso.* Prime Books.

Marques, A. & Oliveira, J. (2002). O treino e a competição dos mais jovens: Saúde versus rendimento. Em V. Barbanti, A. Amadio, J. Bento & A. Marques (Eds), *Esporte e Actividade Física. Interação entre Rendimento e Saúde*, Editora Manole Lda.

Miranda, J. (2009). *Organização estrutural: ponto de partida ou meio para atingir um fim (o modelo de jogo).* Dissertação de licenciatura. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Neto, J. (2014). *Preparar para Ganhar.* Prime Books.

Oliveira, B., Amieiro N., Resende N., & Barreto R. (2006). *Mourinho Porquê tantas vitórias?*. Gradiva.

Oliveira, G. (2003). Organização do jogo de uma equipa de Futebol. Aspectos metodológicos na abordagem da sua organização estrutural e funcional. *Atas de II Jornadas Técnicas de Futebol + Futsal.* UTAD.

Pacheco, R. (2001). *O ensino do futebol. Futebol de 7 – Um jogo de iniciação ao futebol de 11.* Grafiasa.

Pacheco, R. (2005). *Segredos de Balneário – A palestra dos treinadores de futebol antes do jogo.* Prime Brooks.

Quinta R. (2013). A importância do exercício no treino. *Treino Científico*, 15, 7-8.

Quinta, R. (2017). Falar de Futebol. *Treino Científico*, 34, 6-7.

Rosado, A., Mesquita, I., & Colaço, C. (2012). *Métodos e Técnicas de Investigação Qualitativa*. Edições FMH- UTL.

Silva, M. (2008). *O desenvolvimento do jogar, segundo a Periodização Tática*. MCSports.

Soares, J. (2005). *O Treino do Futebolista*. Porto Editora.